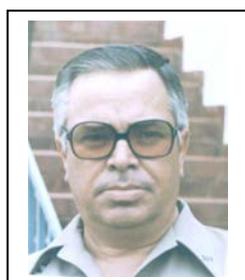


FAHIMTB	<h1>O TUIUTI</h1>	
 ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL	ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL	
AHIMTB/RS ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA	200 anos da ACADEMIA REAL MILITAR e da AMAN	
Ano 2012	ABRIL	Nº 09

**19 DE ABRIL DE 2012 - O 364º ANIVERSÁRIO DA 1ª BATALHA DOS GUARARAPES E
 18º ANIVERSÁRIO DO DIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO(x)

Presidente da Federação das Academias de História Militar
 Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da Academia de História Militar
 Terrestre do Brasil/Resende – Academia Marechal Mário
 Travassos

Em 18 de março de 1648 aportou no Recife poderosa esquadra holandesa da Companhia das Índias Ocidentais composta de 41 barcos transportando víveres e 6.000 soldados. Com este poderio o invasor holandês decidiu romper o cerco do Recife e avançar na direção sul, Zona de Retaguarda patriota, para conquistar o Cabo e adjacências. Operação militar com a finalidade de controlar as bases de suprimentos, próximas, e mais, cortar nessa região, o apoio externo aos patriotas e ainda criar condições de prosseguimento por terra para a reconquista da Bahia. Ao executar-se esse ambicioso plano militar do invasor ocorreu a primeira batalha dos Guararapes, no 18º ano da invasão de Pernambuco e que assim se desenvolveu:

Ao clarear do dia 18 de abril de 1648, o Exército da Companhia das Índias Ocidentais, ao comando do Ten-Gen Von Schkoppe, marchou do Recife na direção

dos Guararapes, com 6.300 homens. Ao atingir Afogados, fez uma finta para demonstrar que sua intenção era um ataque à base terrestre patriota, o Arraial Novo do Bom Jesus. Isto, para ali fixar os seus defensores.

Antônio Dias Cardoso, o Mestre das Emboscadas, hoje Patrono das Forças Especiais do Exército, mandado para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito do inimigo.

Em Conselho de Guerra, os luso-brasileiros decidiram: retardar o invasor na Barreta, na saída do Recife, travar batalha o mais distante dela e defender o Arraial do Bom Jesus, base militar patriota contra a ação diversionária tentada pelo inimigo. Em cumprimento à decisão, o Exército Patriota, composto de 2.200 homens, rumou ao sul para, em caminho, interceptar o invasor e travar a batalha decisiva.

O general Barreto, comandante dos patriotas, prudentemente, confiou aos seus chefes imediatos a condução pormenorizada das ações, pois eles conheciam melhor o terreno e a tática desenvolvida naquela luta. Em **síntese**, a *Guerra Brasílica*, uma doutrina militar genuína brasileira desenvolvida na luta contra o invasor desde 1624, quando da expulsão holandesa de Salvador.

Após um Conselho de Guerra para decidir impasse entre os líderes Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira sobre o local adequado para a batalha, e atendendo a sugestão de Dias Cardoso, soldado profissional, «na qualidade de guerreiro mais prático e experiente em tudo», rumaram para o Boqueirão dos Guararapes, que foi ocupado até as 10 horas da noite de 18/19 de abril.

O exército inimigo, após vencer uma resistência na Barreta, na saída do Recife, degolando barbaramente muitos de seus bravos defensores, seguiu tranquilo e vagaroso para o sul, esperando encontrar 200 patriotas à sua frente, da guarnição do Boqueirão dos Montes Guararapes.

Na manhã de 19, no momento em que os da Companhia das Índias Ocidentais se aproximavam de Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre o monte central e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens, enquanto todo o restante do exército patriota permaneceu escondido.

Com imprudência e entusiasmo, os holandeses se desdobraram e partiram para atacar a fração de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, para o restante do Exército patriota tentar envolver, através dos alagados e montes, a vanguarda e o corpo de batalha inimigos.

No momento em que o adversário progredia nos alagados e em grande número no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve o inimigo enorme surpresa. Pois caíra em grande emboscada, executada com habilidade por Dias Cardoso, reeditando o seu feito em Monte das Tabocas.

O exército luso-brasileiro até então semi-escondido, à ordem de «Às espadas», atacou inesperadamente e com grande fúria e iniciativa.

O Terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Fernandes Vieira, assessorado por Dias Cardoso, investiu no Boqueirão, rompeu o grosso inimigo e envolveu a sua ala esquerda (flanco esquerdo nos Alagados). O de Felipe Camarão assaltou a ala direita (flanco direito) e o de Henrique Dias a ala esquerda, ficando o de Vidal de Negreiros em Reserva, junto ao Boqueirão.

O primeiro embate foi vencido, ocasionando muitas mortes e deserções nas fileiras batavas. Refeito da surpresa, o inimigo acometeu com a retaguarda forte, de 1.200 homens, a ala de Henrique Dias, na proporção de 1 para 3. Contido, foi em seguida, atacado vigorosamente pela Reserva comandada por Vidal de Negreiros.

Depois de luta feroz de quatro horas, os patriotas impuseram a retirada ao inimigo, com Von Schkoppe ferido e muitos de seus oficiais mortos. As perdas holandesas totalizaram 1.038 homens, entre mortos e feridos, contra 480 dos patriotas, dos quais 80 tombaram para sempre, sendo sepultados em local à frente de onde seria erigida a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres dos Guararapes.

A vitória dos Guararapes nesse dia não foi, portanto, obra fortuita dos acontecimentos, mas resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas. Hoje, na data de 19 de abril, comemora-se também o Dia do Exército Brasileiro, por ali haver despertado o seu espírito de exército junto com o da nação brasileira, no consenso de analistas de nosso processo histórico, entre os quais Gilberto Freyre ao interpretar: **«Nos Guararapes escreveu-se a sangue o destino do Brasil, o de ser um e não 2 ou 3 hostis entre si.»**

A12 de maio de 1648 partiria do Rio de Janeiro, ao comando de seu governador, Salvador de Sá, uma expedição composta de luso-brasileiros, com destino a Angola, para devolvê-la a Portugal. Após furar o bloqueio flamengo ela atingiu a África. E lá, através de vitoriosas manobras militares contra uma força superior e bem fortificada em São Paulo de Luanda, reconquistou aquela possessão, em agosto. Flanqueava a força luso-brasileira libertadora o atual Regimento Sampaio. Foi a 1ª expedição

transcontinental militar brasileira. A 2ª seria a Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutou na Europa em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial ameaçada pelo nazi-fascismo na 2ª Guerra Mundial. De retorno, vitoriosa, a FEB depositou os louros da vitória nos Montes Guararapes tendo seu comandante o gaúcho gabrielense, Marechal Mascarenhas de Moraes se pronunciado a certa altura:

«Nestas colinas sagradas, na batalha contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nacionalidade brasileira.»

Os holandeses renderam-se em 1654 na Campina do Taborda, local hoje do Forte das Cinco Pontas.

Decorridos 26 anos, Portugal fundaria a Colônia do Sacramento defronte a Buenos Aires. E em torno de sua posse, portugueses e espanhóis lutaram durante cerca de um século. E foi nesta luta secular que Portugal explorou, devassou, conquistou e definiu, com auxílio de gaúchos o destino brasileiro do Rio G. do Sul.

Sobre a projeção histórica desta batalha recorreremos às interpretações de Lopes Santiago, o seu primeiro cronista; do marechal Mascarenhas de Moraes; de Gilberto Freyre; de Luiz da Câmara Cascudo, de Pedro Calmon, e nossa interpretação há 41 anos passados quando recebemos a missão de coordenar o projeto, construção e inanuguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

“ Estes montes Guararapes alcançaram perpétua fama e nome, assim nestes tempos como nos futuros, por suceder neles a batalha que iremos relatando, e pela que sucedeu daí a dez meses, as quais foram as maiores batalhas campais e de mais gente, e mais sanguinolentas que houve nestas capitânicas de Pernambuco e Estado do Brasil, e se disser que na América, poderá ser que não me engane, porque outras muitas ocasiões tinham sucedido de maior importância, pois foram meios de sucederem estas que foram obradas com a mesma gente e cabedal...” (Diogo Lopes Santiago. História da Guerra de Pernambuco — cronista contemporâneo das batalha)

“...Nenhum lugar mais brasileiro, nenhum outro recanto em que o espírito militar se vincule mais à tradição da nacionalidade do que Guararapes, para a Força Expedicionária Brasileira apresentar, no regresso à Pátria, a sua saudação ao glorioso Exército, a que tem a honra de pertencer, aos camaradas da Marinha e da Aeronáutica a sua reverência ao Brasil. Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira.

Daqui ela partiu e já atravessa mais de três séculos, passando vitoriosamente pelo Passo do Rosário, por Montes Caseros, lançando-se de Lomas Valentinas a Monte Castello, Castelnuovo, Montese e Fornovo. Na qualidade de Comandante da Força Expedicionária Brasileira, deponho no campo de Batalha dos Guararapes os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas, nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Pó...”

(General de Exército Mascarenhas de Moraes — Comandante da FEB.

Trecho de discurso pronunciado nos Montes Guararapes em 9 de julho de 1945, de passagem pelo Recife, proveniente do Teatro de Operações da Itália.)

“Nas duas batalhas dos Guararapes, escreveu-se a sangue o endereço do Brasil: o de ser um Brasil só, e não dois ou três. O de ser um Brasil fraternalmente mestiço, na raça e na cultura, e não outra República Sul-Americana asperamente nativista ou agressivamente antieuropeia... Foi Guararapes a primeira de uma série de batalhas pela nossa definição e pela nossa sobrevivência, como tipo extra-europeu embora de modo nenhum anti-europeu, de cultura, e como um novo tipo de democracia não somente, como principalmente, social; e não somente social como étnica... (Gillberto Freyre - trecho de discurso pronunciado na Câmara Federal pelo então deputado, publicado no Diário de Pernambuco de 22 de abril de 1948).

«...Guararapes, nos seus montes sonoros, estende para longe, para 1630, o início da compressão que ali foi sublimada. Nos tambores, dizem as versões de Guararapes, nos tambores da História Civil e Militar, a batalha se reacende, viva e nobre, contra as invasões, o intruso, a violência do domínio material, a solução colonizadora, tornando os homens algarismos nos livros-caixas duma sociedade anônima. Nos tambores rufos, de mobilização e alerta, de vigilância e de obstinação, perpassam pelos montes dos Guararapes. E eternas ficarão estas vozes despertas da NACIONALIDADE em seu povo fiel, como, na História, imóveis ficaram os montes evocadores do seu heroísmo e da sua beleza pernambucana...”

(Luiz da Câmara Cascudo. Revista do Arquivo Público Estadual de Pernambuco. 1949).

“Foi nos Montes Guararapes, ‘... A maior das batalhas. O supremo desafio. O duelo mortal do invasor e do filho da terra, do estrangeiro e do nativo, da poderosa opressão e da liberdade heróica. Nestes montes, que têm a paisagem pernambucana o insólito relevo de uma fortaleza, predestinada ao choque dos exércitos, em verdade fixou e definiu ao luso-brasileiro o seu direito à terra. Tornou-se pela força das armas o seu dono. No próprio sítio da batalha, fez Francisco Barreto construir —

monumental — «ex voto» — a igreja barroca e vasta da Senhora dos Prazeres de Guararapes, que eleva suas torres brancas sobre a vegetação desses montes, pondo no panorama áspero, que domina, a imprevista nota da religião e da arte.

Com o senso de posse inabalável que tinham os portugueses, o general vitorioso marcou assim o triunfo: associando o culto divino à glória militar, para que — não comemorasse efemeramente a gratidão dos contemporâneos, porém que durasse pelo tempo adiante na sucessão dos séculos, menos façanha de soldados do que benévola inseparável — proteção dos céus dispensada à sua bravura e à sua fé...” (Dr. Pedro Calmon—Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. 1949)

«Nas vitoriosas batalhas dos Guararapes despertou o Espírito dos Montes Guararapes que inspira e motiva o Exército Brasileiro e que o tem inspirado desde então. Seja nas lutas pela Unidade Nacional durante a Independência e crises da Regência. Pela Integridade e Soberania Nacional nas lutas externas no Prata e, em especial, na Guerra da Tríplice Aliança 1865-70; pela Democracia e a Liberdade Mundial na 2ª Guerra Mundial na Campanha da Itália 1944-45 e pela Paz Social, como na Abolição. O Espírito dos Montes Guararapes é o Pavilhão invisível da Nacionalidade. É a forte liga divina e indissolúvel da unidade territorial, espiritual e étnica da Pátria Brasileira. Espírito dos Guararapes é a harmonia e integração no nosso caldeirão de raças que fizeram do Brasil, talvez a maior democracia étnica e religiosa da Terra. O Espírito de Guararapes é a chama sagrada indistinguível, acesa com o suor, sacrifícios, sangue e vidas imoladas, por patriotas luso-brasileiros que combateram nas batalhas do Guararapes. Chama patriótica sagrada que tem iluminado, ilumina e iluminará os brasileiros na construção do destino de grandeza do Brasil, sob a inspiração e proteção de Deus. (Major Cláudio Moreira Bento em As batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar. Recife, UFPE, 1971. 2v.)

(X) Historiador militar e jornalista